

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria das Lágrimas Leite Minervino¹
profmariamminervino@gmail.com
Geanne Estevam Silvano²
geaneestevam@hotmail.com

RESUMO

Um dos problemas educacionais na atualidade, relaciona-se diretamente ao papel passivo do aluno no processo de ensino e aprendizagem. A Geografia Escolar tem se apresentado historicamente como uma disciplina decorativa cuja pedagogia tradicionalista possui prevalência no ambiente escolar. Esta pesquisa dá visibilidade ao uso de metodologias ativas como forma de aprendizagem no Ensino Básico. O objetivo geral foi analisar a relevância do uso da sala de aula invertida no Ensino de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Gomes Alves, em Patos - PB. Aplicou-se uma sequência didática com os princípios da Sala de Aula Invertida (SAI), abordando a Região Norte do Brasil, no 7º ano do Ensino Fundamental. Para isto, utilizou-se as tecnologias digitais através da criação de um grupo de WhatsApp e do aplicativo Google Classroom. A fundamentação teórica privilegiou os escritos de Bergman; Sams (2016), Christensen (2013), Horn (2013), Johnson; Becker; Estrada; Freeman (2014), Munhoz (2015), Sater (2013), Valente (2013) e Moran (2014), autores que discutem as metodologias ativas, a sala de aula invertida e o uso das tecnologias digitais no processo de ensino aprendizagem. Salienta-se que a SAI promove a inversão das ações educativas realizadas em sala de aula e em casa e surge como possibilidade de intervenção pedagógica que fomenta o protagonismo do aluno. Conclui-se que as metodologias ativas potencializam o processo de ensino-aprendizagem de Geografia e foi adequada para o estudo do conteúdo explorado, porém são dependentes de infraestrutura como a internet e as tecnologias digitais.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Sala de Aula Invertida; Ensino de Geografia; Sequência Didática.

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Gomes Alves no município de Patos-PB e objetivou analisar a pertinência do uso da metodologia da sala de Aula Invertida como forma de aprimorar a aprendizagem ativa no ensino-aprendizagem de Geografia, propondo uma sequência didática em articulação com as

¹ Licenciada em Geografia. Especialista em Educação de Jovens e Adultos/UFCG. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/mestrado profissional – GEOPROF - UFRN/CERES-RN

² Licenciada em Pedagogia pela UFRN. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional/FIP. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/mestrado profissional – GEOPROF - UFRN/CERES-RN

estratégias da SAI e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e a necessidade de realizar novos encaminhamentos e intervenções pedagógicas frente aos alunos contemporâneos, chamados por Prensky (2010) de nativos digitais.

São várias as situações-problema (deficiente infraestrutura, desinteresse do aluno, falta de acompanhamento familiar, entre outros tantos) que prejudicam o bom andamento das atividades realizadas pelo professor em sala de aula. Cabe a este, pois a “inovação” dos procedimentos técnicos e tecnológicos utilizados de modo a conquistar o interesse e a participação dos alunos de tal modo que estes venham a ter uma aprendizagem significativa.

Portanto, as metodologias utilizadas no ambiente escolar precisam ser constantemente (re) pensadas, uma vez que os alunos se mostram interessados pelo “novo” apresentado de uma forma “inovadora”. Diante disso, os professores de Geografia e das demais disciplinas são levados a promover o conhecimento por meio de metodologias mais dinâmicas colocando o aluno como produtor do próprio conhecimento.

Para Sunaga e Carvalho (2015, p. 140), “Com o avanço das Tecnologias Digitais e a consequente facilidade de acesso a informação, a Escola já não é a única fonte de conhecimento disponível para as pessoas”.

Nessa busca por recursos que favorecesse o ensino aprendizagem se obteve o desenvolvimento de metodologias ativas, que para Borges e Alencar (2014, p.120) “São formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam na busca de conduzir a formação crítica dos futuros cidadãos, nos mais diversos níveis de ensino”.

Desse modo, nesse trabalho, aborda-se a metodologia da Sala de Aula Invertida (SAI) também conhecida como *Flipped Classroom* (FP), uma metodologia que vem se destacando, nas chamadas metodologias ativas. A SAI, assume neste estudo uma proposta de intervenção pedagógica, que para Bergmann e Sams (2017, p. 11), tem basicamente o seguinte conceito: “O que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”.

METODOLOGIA

Este trabalho, foi apoiado metodologicamente nos procedimentos técnicos da pesquisa-ação, que segundo Marques et all (2014, p. 55) “possibilita a participação da comunidade e do pesquisador de forma interativa, durante a pesquisa, na análise e interpretação dos dados, de modo que os resultados

possam influenciar a comunidade estudada na solução de problemas que sejam detectados ao longo do processo”, pautado numa abordagem qualitativa, utiliza quanto a sua natureza, a pesquisa aplicada.

Para Moresi (2003, p. 8), a pesquisa do tipo aplicada “objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Nesse estudo, relaciona-se com a aplicação da SAI, pois seus conhecimentos e resultados serão gerados mediante a aplicação dessa metodologia nas aulas de Geografia.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 54-55), na abordagem qualitativa “encontra-se a asserção de que a experiência humana é mediada pela interpretação de que existem múltiplas formas de interpretar as experiências, em função das interações com os outros, e de que a realidade é socialmente construída”. A pesquisa bibliográfica também objetiva aprofundar os estudos sobre o tema em questão. Sua principal vantagem reside na relevância de informações novas sobre a temática, por meio de revisão de literatura, com fundamentação científica, que segundo Gil (2002, p. 44), “se realiza com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O projeto está centrado, também na Sequência Didática - SD definida como “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um tema oral ou escrito”. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 97). A aplicação da sequência didática com o uso da metodologia Sala de Aula Invertida nas aulas de Geografia está articulada com as orientações do Currículo Oficial da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, realizada em oito aulas, cada aula com quarenta e cinco minutos, junto aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, durante o terceiro bimestre do ano letivo de 2018. As aulas foram desenvolvidas a partir do Conteúdo do ano e bimestre em curso sobre “A Região Norte do Brasil” relacionada aos conteúdos e temas: “Região Norte: apresentação e aspectos físicos; Região Norte e Amazônia Legal e Internacional; ocupação humana e desmatamento”, abordados no livro didático do aluno e por meio de vídeoaulas produzidas pela professora pesquisadora. Considerando a realidade da escola e as necessidades do aluno para ter acesso o material na pré-aula, contou-se com o apoio de algumas ferramentas a exemplo do aplicativo Google Classroom, do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), e da criação de um grupo de WhatsApp.

As aulas seguiram uma sequência, a primeira etapa consistiu na preparação dos alunos para a implementação da metodologia, começando com apresentação de conceitos sobre a sala de aula invertida. Também foi realizado um levantamento de informações junto aos alunos pesquisados sobre os assuntos relevantes para a temática como o acesso a vídeo aulas por meio de outras disciplinas de estudos e levantamento dos recursos tecnológicos disponíveis pelos alunos. Esses aspectos foram observados a partir da rodada de conversas que, segundo Sampaio *et all* (2014, p. 1330), “trata-se de uma estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social de coletivos. Antes do início da segunda etapa, foi elaborado todo o material necessário para a aplicação da sala de aula invertida, como as vídeoaulas, os questionários e os outros recursos didáticos a serem discutidos em sala de aula. Logo, após o momento da aula de sensibilização, foi criado o grupo de WhatsApp, e em seguida foi realizado o cadastro dos alunos no Google Classroom. Os materias de estudo foram

disponibilizados sempre com uma semana de antecedência para que os alunos tivessem acesso aos conteúdos antes do momento presencial em sala de aula.

Na segunda etapa foi aplicada a sequência didática - SD, ou seja, a implementação da metodologia da SAI sobre “A Região Norte do Brasil”, conteúdo curricular do 7º ano do ensino fundamental. A proposta da SD consistiu em assistir aos vídeos e ler os textos como “dever de casa”, onde os estudantes então dispõem de um período suficiente para a visualização das vídeoaulas e dos estudos em casa. O momento em sala de aula se designa para os alunos realizarem atividades, tarefas, debates e discussões sobre os assuntos abordados nos vídeos e sanar possíveis dúvidas. Em seguida, foi realizado a aplicação de avaliação no laboratório de informática para acompanhamento mais personalizado do educando, com uso de questionários inseridos no aplicativo Google Classroom. Ao todo, foram necessárias oito aulas para a aplicação dessa experiência de inversão, que iniciou com a roda de conversa até a aplicação dos questionários em sala de aula.

A avaliação se deu por meio de critérios que orientam para os princípios da avaliação formativa, através de debates, roda de conversa e correção das atividades sugeridas sobre o tema/problema que norteou o estudo da REGÃO NORTE. Numa perspectiva de avaliação personalizada utilizou-se o preenchimento de ficha individual com relatório de desempenho sobre cada aluno em todas as etapas de aplicação da sequência didática com a metodologia da sala de aula invertida.

Figura 1. Aplicação da Sala de Aula Invertida, na EEEFM Jose Gomes Alves, localizada em Patos-PB



Fonte: Pesquisa Direta, outubro de 2018

DESENVOLVIMENTO

SALA DE AULA INVERTIDA (SAI) COMO METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais (2008) por meio dos Parâmetros

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Curriculares Nacionais (PCNs), o professor de Geografia deve planejar aulas dinâmicas, utilizando recursos didáticos que estimulem os alunos, como por exemplo: aulas práticas, utilização de maquetes, fotografias aéreas, imagens de satélite, recursos lúdicos. Enfatiza também que as aulas tradicionais e regularmente teóricas na Geografia atual não despertam mais o interesse do aluno, apontando a utilização das metodologias ativas como alternativa metodológica.

Nessa perspectiva para (Morais e Garcia, 2014, p.50), “A escola deve associar-se as novas teorias e metodologias ativas, que coloque o aluno no centro do processo de ensino com metodologias que promovam a interatividade, a aprendizagem colaborativa e de desenvolvimento da autonomia”.

O estudo sobre as metodologias ativas vem ganhando notoriedade no saber e no ensinar na atualidade, em achados na literatura, porém o uso dessas metodologias não são recentes. Se recorrermos as obras de Vygotsky e Paulo Freire, percebe-se que esses autores já orientavam para um modelo de ensino focado numa aprendizagem autônoma e participativa, como forma de colocar os estudantes no centro do processo de ensino e aprendizagem, oportunizando a construção do conhecimento. “Teóricos como Dewey (1950), Freire (2009), Rogers (1973), Novack (1999), entre outros, enfatizam, há muito tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele”. (MORAN, 2014, p.18).

Pereira (2012, p. 6) apresenta uma definição de metodologia ativa, e enfatiza sua ligação com os movimentos da escola novista ou ativa:

Por Metodologia Ativa entendemos todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula. A Metodologia Ativa tem suas raízes procedimentais no pensamento pedagógico de autores ligados ao movimento da Escola Ativa.

O uso das metodologias ativas pressupõe a implantação das tecnologias na educação, porém as mudanças e as inovações no processo de ensino-aprendizagem dependem muito mais do construir de um referencial teórico e metodológico para fazer a análise do objeto e dos objetivos de cada conteúdo e disciplina. O importante, neste aspecto é perceber que as metodologias ativas são alternativas para uma educação e uma aprendizagem para o domínio, onde o educando saiba o quê e por quê está estudando determinado conteúdo.

Assim, as metodologias ativas podem ser classificadas de várias maneiras, todavia, o presente trabalho irá discutir os princípios da Sala de Aula Invertida (SAI), por ser um dos modelos mais interessantes na atualidade para mesclar tecnologias com metodologias de ensino.

Sobre a história da Sala de Aula Invertida, Valente (2014, p. 86) explica que:

A ideia da sala de aula invertida não é nova e foi proposta inicialmente por Lage, Platt e Treglia (2000), concebida como “inverted classroom” e usada pela primeira vez em uma disciplina de Microeconomia em 1996 na Miami University (Ohio, EUA). Essa abordagem foi implantada por esses autores em resposta à observação de que o formato de aula tradicional era incompatível com alguns estilos de aprendizagem dos alunos. Com isso eles planejaram a disciplina na qual os alunos realizavam, antes da aula, leituras de livros didáticos, assistiam a vídeos com palestras e apresentações em PowerPoint com superposição de voz. Para garantir que os alunos estudassem o material, eles tinham que completar uma lista de exercícios que era gerada aleatoriamente e avaliada periodicamente, valendo nota.

Segundo Valente (2014, p. 87), “A partir dos anos 2010, o termo “flipped classroom” passou a ser um chavão, impulsionado em parte por publicações internacionais como no The New York Times (FITZPATRICK, 2012); no Chronicle of Higher Education (BERRETT, 2012); a partir de então surgiram diversos exemplos de escolas de Ensino Básico que passaram a implantar essa abordagem”.

Como experiência na educação básica, as atividades realizadas no modelo de Sala de Aula Invertida podem ser mais estruturadas, com a proposta de Bergmann e Sams (2012) no livro *Flip your classroom: reach every student in every class day*, publicado em 2012 nos Estados Unidos da América (EUA), pois os autores relatam suas experiências com o modelo de inversão nas aulas de química, em turmas de Ensino Médio.

Moran (2014, p.23) enfatiza que “A Sala de Aula Invertida é um dos modelos mais interessantes da atualidade para mesclar tecnologias com metodologias de ensino, destacando a antecipação dos conhecimentos básicos, que ocorrem previamente em casa e o desenvolvimento de atividades criativas e supervisionadas na sala de aula”. Além disso, é considerado o modelo mais simples dentro do Ensino Híbrido, que segundo Moran (2014, p. 26) “Significa misturado, mesclado ou *blended*. Para o autor, a educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias e públicos”.

Valente (2014, p. 87) acredita que “A abordagem da sala de aula invertida não deve ser novidade para professores de algumas disciplinas, nomeadamente no âmbito das ciências

humanas”. Para o autor “Nessas disciplinas, em geral, os alunos leem e estudam o material sobre literatura, filosofia, entre outros assuntos, antes da aula e, em classe, os temas estudados são discutidos”.

A observação de Valente serve para incentivar os professores, em especial aqueles que trabalham na área das ciências humanas, pois se estes professores já realizam parcialmente essas práticas, terão mais facilidades de implantação desse modelo tão atrativo para dinamizar as aulas, o ensino e o aprender.

“Ultimamente, na sala de aula, já podemos encontrar projetos multimídia e televisores digitais, mas poucos são utilizados devido a possível resistência dos professores que muitas vezes não tiveram essa formação” (SUNAGA; CARVALHO, 2015, p.1). Apenas implantar laboratórios de informática nas escolas não é suficiente, é preciso formar professores capazes de incorporar as tecnologias no currículo escolar. Jonathan Bergmann (2017) reforça que:

A SAI é uma solução pedagógica, não tecnológica – embora exista uma parte tecnológica. Portanto, é importante que as escolas escolham uma boa tecnologia ao implementá-la. Graças à tecnologia, por exemplo, os estudantes podem dar “pausa” e “voltar” a explicação do professor. Quantas vezes, na aula, um aluno ouve e tenta anotar tudo, mas se perde? A mágica não está na tecnologia, e sim em melhorar o que se faz com a turma.

Segundo Moran (2014, p. 22) “ Precisamos disponibilizar o conteúdo fundamental, elaborar alguns roteiros de aula em que os alunos leiam antes os materiais básicos e realizem atividades mais ricas em sala de aula com a supervisão dos professores” Para o autor:

Misturando vídeos e materiais nos ambientes virtuais com atividades de aprofundamento nos espaços físicos (salas) ampliamos o conceito de sala de aula: Invertemos a lógica tradicional de que o professor ensine antes na aula e o aluno tente aplicar depois em casa o que aprendeu em aula, para que, primeiro, o aluno caminhe sozinho (vídeos, leituras, atividades) e depois em sala de aula desenvolva os conhecimentos que ainda precisa no contato com colegas e com a orientação do professor.

Nesse sentido, ao valer-se do modelo da SAI:

O tempo valioso de classe é dedicado ao aprendizado mais ativo, com base em projetos onde os alunos trabalham juntos para resolver desafios locais ou globais, para ganhar uma compreensão mais profunda do assunto. Ao invés de o professor usar o tempo de aula para fornecer informações, o trabalho é feito por cada aluno depois da aula e pode assumir a forma de assistir a palestras, ouvir *podcasts*, folhear conteúdo de *e-books* ou colaborar com seus pares em comunidades *online*. ((JOHNSON. L; *et all* 2014.p.5)

O conceito de aprendizagem significativa de Ausubel reforça os princípios da Sala de Aula Invertida (Revista Escola, 2011) quando ele relata: “O processo ideal ocorre quando uma

nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios do indivíduo. Motivado por uma situação que faça sentido, proposta pelo professor, o aluno amplia, atualiza, e reconfigura a informação anterior, transformando-a em nova”.

Em se tratando de competências para Geografia Escolar a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 366) têm consonância com a SAI quando destaca:

1. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
2. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
3. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
4. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

Diante do exposto, o modelo de Sala de Aula Invertida pode se destacar entre as demais metodologias, como alternativa para o ensino de Geografia, pois o desenvolvimento das competências está atrelado a procedimentos de características cognitivas, psicomotores ou sócio-afetivas. Se bem estimuladas, tais aspectos juntamente com o conhecimento teórico ou as experiências cotidianas, proporcionam ao educando, um saber fazer. É uma metodologia flexível, pois Segundo Bergmann e Sams (2017, p.) “Não há uma única maneira de inverter, o professor que optar pela inversão terá sua maneira de colocá-la em prática. “Essa metodologia promove ainda a aprendizagem personalizada, porque parte do princípio de que as pessoas aprendem de formas diferentes e em ritmos diferentes, com base nos seus conhecimentos prévios, habilidades, interesses e emoções” (PORVIR, 2014, p.1). Deste modo, sugere-se as contribuições das metodologias ativas e da SAI como estratégia para nortear o trabalho pedagógico no ensino da Geografia Escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 21 alunos matriculados, 20 participaram da roda de conversa inicial percebeu-se que todos os alunos tinham acesso à internet e apenas três alunos não tinha o aparelho celular. Todos já tiveram acesso a vídeo-aulas em outras disciplinas e todos os participantes disseram acreditar que a utilização deste tipo de material auxilia na sua aprendizagem. Este resultado coaduna com os estudos realizados por Bergmann e Sams (2017), que, ao utilizar vídeo-aulas em suas aulas de Química no Ensino Médio buscando atender alguns alunos ausentes nas aulas, obtiveram “feedback” positivo de seus alunos. Outro aspecto relevante, foi quando relatavam a importância do conhecimento prévio sobre os conteúdos, no caso a “Pré Aula”, um dos princípios da sala de aula invertida, inclusive relataram que enquanto assistiam as vídeo-aulas, muitos alunos afirmaram ter feito anotações sobre o conteúdo abordado com o objetivo de tirar dúvidas em sala de aula e que, geralmente, pausavam e voltavam os vídeos para uma melhor compreensão. Valente (2014), afirma que quando o professor disponibiliza o material on-line, o aluno pode ter acesso a qualquer momento, em se tratando dos vídeos, o aluno pode assisti-los quantas vezes achar necessário e dedicar mais atenção aos conteúdos que apresentam maior dificuldade.

Na segunda etapa, foi aplicada a Sequência Didática - SD, por meio da metodologia da SAI sobre “A Região Norte do Brasil”, conteúdo curricular do 7º ano do ensino fundamental. O trabalho foi desenvolvido basicamente por meio de vídeo-aulas, discussão e resoluções de lista de exercícios que estavam nos sites supracitados. A observação participante e a aplicação dos questionários após o “dever de casa” possibilitaram analisar os avanços, que foram significativos, comparados as aulas tradicionais, bem como avaliar as fragilidades da proposta aplicada. Esse momento é o mais importante, o “feedback” na resposta por novas propostas pedagógicas para um ensino ativo e participativo. Os alunos demonstram ansiedade por mudanças relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem; ficaram motivados diante da metodologia ativa de aprendizagem com tecnologias digitais, em detrimento da prevalência das aulas expositivas. Os autores da pesquisa também demonstram ansiedade por mudanças relacionadas ao processo de aprendizagem, ao uso de novas metodologias tecnológicas e inversão dos papéis na relação professor e aluno no processo construtivo do saber tendo em vista a promoção do aluno como protagonista e do ensino que fomente a aprendizagem significativa.

Numa perspectiva de avaliação personalizada utilizou-se o preenchimento de ficha individual com relatório de desempenho sobre cada aluno em todas as etapas de aplicação da sequência didática com a metodologia da sala de aula invertida, sobre o tema/problema que

norteou o estudo da REGÃO NORTE. Percebeu-se que alguns alunos, por não estarem acostumados com a SAI acabam realizando de forma inadequada as atividades extraclasse, não assistindo o vídeo, da mesma maneira que fazia na aula tradicional. Porém, como professora/pesquisadora, asseguro que, assim como nos estudos de Moran & Milsom (2015), os alunos que participaram adequadamente desta experiência de “inversão” obtiveram um melhor desempenho em suas avaliações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa discutiu e analisou a utilização das metodologias ativas e a Sala de Aula Invertida como proposta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de Geografia, identificando a importância dos princípios norteadores dessa metodologia, bem como alguns indicadores de fragilidade em relação a aplicação da mesma. No entanto, podemos asseverar, a partir dos instrumentos aplicados, roda de conversa, literatura consultada, observação participante e sequência didática, que a metodologia da sala de aula invertida é uma realidade no que se refere ao ensino significativo, autônomo e personalizado.

Percebeu-se que em poucas aulas ministradas com os princípios desta metodologia houve mudanças significativas, principalmente quanto aos alunos considerados desinteressados no cotidiano das aulas tradicionais. É importante pontuar que todos os alunos concluíram as etapas e atividades propostas, ao mesmo tempo percebe-se o interesse dos alunos em mostrar seus trabalhos concluídos, tanto os trabalhos cooperativos (em grupo) quanto os que foram realizados individualmente.

Identificou-se indicadores de fragilidade no âmbito das tecnologias digitais, tendo em vista que nem todas as escolas públicas dispõem adequadamente desse recurso, porém não constituem obstáculos intransponíveis para a aplicação dessa metodologia. Além disso, quase todos os alunos se identificaram com a prática proposta, provavelmente pela atratividade e afinidades com as novas tecnologias.

Na qualidade de docente com vasta experiência percebi que as metodologias ativas realizadas de forma planejada e responsável fez com que cada etapa do percurso teórico-metodológico contribuísse no desenvolvimento construtivo de um saber que legitima a construção cognitiva dos alunos e alunas do 7º ano do ensino fundamental numa escola pública

e de um bairro importante, porém periférico e de grande vulnerabilidade social na cidade de Patos, Paraíba.

No entanto, seria pretensioso achar que a análise quanto a pertinência do uso da Sala de Aula Invertida, no ensino-aprendizagem de Geografia se resume a este trabalho, uma vez que estaríamos renegando a grande quantidade de informações que ainda há para ser analisada. Embora estejamos convencidos de que os princípios que norteiam os aspectos didático-pedagógicos e técnico das metodologias ativas sejam características basilares para quem se propõe na contribuição de uma educação significativa e autônoma, pode-se ainda ponderar e destacar que o professor de Geografia deve considerar outros aspectos nessa abordagem metodológica, como o acompanhamento e apoio dos pais, a prática do estudo em casa (fundamental para a aplicação da metodologia) e as mudanças necessárias para a inversão das ações educativas realizadas em relação ao papel do professor e do aluno no contexto das aulas.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. **Aprendizagem significativa**. Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>. Acesso em 23 de dezembro de 2018.

BERGMANN, Jonathan.; SAMS, Aaron. **Flip Your Classroom: reach every student in every class every day**. Eugene, Oregon: Iste, 2012.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. (Tradução Afonso Celso da Cunha Serra). 1ª ed., Rio de Janeiro: LTC, 2017. 104 p.p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria aos métodos**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gildélia. “Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior”. **Cairu em Revista**; n° 04, p. 119-143, julho/agosto 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares de Geografia para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Nacionais (PCNs)**. Geografia. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola /Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: *Saberes necessários à prática pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Tania Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Ensino de Geografia: refletindo sobre a práxis e a identidade do professor**. In: MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; GARCIA, Tania Cristina Meira; SOBRINHO, Djanni Martinho dos Santos (Orgs). **Educação geográfica: ensino e práticas**. Natal: EDUFRN, 2014.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

JOHNSON. Larry; BECKER, Adams Samantha; CUMMINS.M; ESTRADA V. **.2014 NMC Technology Outlook for Brazilian Universities: A Horizon Project Regional Report**. (Panorama Tecnológico NMC 2014.Universidades Brasileiras). Austin, Texas: New Media Consortium, Saraiva, 2014. Disponível em:<<http://www.nmc.org/publication/2014-nmc-technology-outlook-brazilian-universities>.

MARQUES, Heitor Romero; MANFROI, José; CASTILHO, Maria Augusta de; NOAL, Mirian Lange. Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. 4 ed. Campo Grande: UCDB, 2014. Disponível em: <
file:///C:/Users/Windows/Downloads/LIVRO_Met.Pesq.Trab.Cient._Heitor_et-al.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

MORAN, José. “Mudando a educação com metodologias ativas”. IN: SOUZA, Carlos Alberto. de; MORALES, Ofelia Elisa Torres. (Org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-Proex/ UEPG, 2015. Vol. II, p. 15-33.

MORAN, K.; MILSOM, A. (2015). The Flipped Classroom in Counselor Education. Counselor Education and Supervision.2015.

MARTINS, Rosa. E. M. W. **A trajetória da Geografia e o ensino no século XXI**. In: TONINI, I. M. (org.). **O Ensino da Geografia e Suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, p. 61-75, 2011

PEREIRA, Raquel M. F. Amaral. Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna. 3ª edição. Florianópolis: Ed da UFSC. 1999.

PORVIR, O futuro se aprende (personalização). 2014. Disponível em: <http://porvir.org/wiki/personalização>. Acesso em 15 dez. 2018.

SUNAGA, Alexsandro; CARVALHO, Camila Sanches de. “As tecnologias digitais no ensino híbrido”. IN: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Melo (Org.) **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 141.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no Ensino Superior: a proposta da sala invertida. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial, n. 4, p. 79-93.